



Fronteiras, Geopolítica e Relações Internacionais¹ *Borders, Geopolitics and International Relations*

Maria de Fátima Bento Ribeiro

Doutora em História na área de Política, Memória e Cidade, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora Associada da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), no curso de bacharelado em Relações Internacionais.

Resumo

A pandemia da Covid-19 aprofundou uma crise mundial econômica, política e ecologia. Nesse contexto, é necessário abordar o fechamento das fronteiras, fator que induz a discussões sobre o Estado, soberania, controle e políticas. O objetivo do presente artigo, a partir dos estudos sobre fronteira, é refletir sobre o poder, a geopolítica e as relações internacionais a dentro do contexto de crise, o que, de modo geral, nos leva a repensar a nossa história. Para tal, o texto se divide em duas seções: o fechamento das fronteiras e sua repercussão e os limites da globalização e a geopolítica. Por fim, as crises que enfrentamos rememoram tempos sombrios de guerras, bomba atômica, destruição, acentuando-se pelo conflito bélico entre países com capacidade de armas nucleares. A citar, Noam Chomsky destaca três ameaças à existência humana: "a ameaça da guerra nuclear, a ameaça do aquecimento global e a deterioração da democracia".

Palavras-chave: Fronteira, Crise, Geopolítica, Poder, Relações Internacionais.

Abstract

The Covid-19 pandemic has deepened a global economic, political, and ecological crisis. In this context, it is necessary to address the closing of borders, a factor that induces discussions about the state, sovereignty, control and policies. The objective of the present article, based on studies about borders, is to reflect about power, geopolitics, and international relations within the crisis context, which, in general, leads us to rethink our history. To this end, the text is divided into two sections: the closing of borders and its repercussions, and the limits of globalization and geopolitics. Finally, the crises we face recall dark times of wars, atomic bombs, destruction, accentuated by the war conflict between countries with nuclear weapons capacity. To quote, Noam Chomsky highlights three threats to human existence: "the threat of nuclear war, the threat of global warming, and the deterioration of democracy."

Keywords: Border, Crisis, Geopolitics, Power, International Relations.

¹ Recebido para Publicação 15/05/2022. Aprovado para Publicação em 01/09/2022.

DOI <https://doi.org/10.5281/zenodo.7236785>





Considerações iniciais

O mundo passa por uma crise econômica, política, ecológica, crises que se aprofundaram com a Covid-19². As fronteiras, nesse contexto, revelaram-se como áreas estratégicas de atuação dos países nas ações para contenção da propagação do vírus, limitando a circulação e proibindo a entrada de estrangeiros, por exemplo. No entanto, essas questões reverberam uma memória de tensão e de conflito presente na formação dos Estados-Nacionais, e provocam uma reflexão nos conceitos de nacionalismo, soberania, xenofobia e fronteiras, que são temas fundamentais nas relações internacionais.

Neste sentido, é necessário abordar o fechamento das fronteiras nas condições de crise, ocasionado pela pandemia mundial da Covid-19, com o objetivo de mostrar como essa questão foi destacada no debate de diferentes intelectuais a partir de reflexões compartilhadas nos meios de comunicação que contribuíram significativamente para o levantamento de questões como Estado, soberania, controle, políticas.

Propomos, nesse caminho, contribuir com os estudos, na medida em que tratar das fronteiras e refletir sobre o poder, a geopolítica e as relações internacionais dentro do contexto de crise, nos levam a repensar sobre nossa história. Pensar as fronteiras, de modo geral, é também refletir sobre um desafio permanente em que se apresentam as políticas de controle, as resistências cotidianas e as diferenças culturais.

46

1. O fechamento das fronteiras e sua repercussão

No dia 19 de março de 2020, o governo brasileiro determinou o fechamento das fronteiras com os vizinhos na América do Sul. Como medida de proteção para a propagação do Coronavírus, a portaria temporária restringiu a entrada no território brasileiro para os seguintes países: Argentina, Bolívia, Colômbia, Guiana Francesa, Paraguai e Peru, e as fronteiras com Uruguai ficaram fora dessas restrições.³ O fechamento parcial com a fronteira do Uruguai foi decretado alguns dias depois, em 23 de março de 2020.

O Brasil é um país de dimensão continental e faz fronteiras terrestres com dez países⁴: Venezuela, Colômbia, Peru, Argentina, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Guiana, Suriname, Guiana Francesa, e não tem fronteira com Chile e Equador. Naquele momento, os países vizinhos demonstravam preocupação com o Brasil, na medida em que estava sendo apontado como um problema, uma “ameaça” devido ao tratamento

² “O início da pandemia de Covid-19 causado até então pelo desconhecido vírus SARS-CoV- 2, infectou mais de 15,5 milhões de pessoas em 215 países e matou mais de seiscientos mil, confirmando as previsões dos especialistas de saúde” (FEDATTO, 2020, p. 18).

³ De acordo com o Ministério da Justiça, o fechamento das fronteiras vale para as fronteiras físicas, terrestres e não atinge quem viaja de outros países de avião. A medida foi determinada pelo Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, pelo Ministro da Justiça Sérgio Moro e da Casa Civil General Walter Braga Neto.

⁴ A faixa de fronteira brasileira que compreende a área estendida ao longo do limite territorial, com largura de 150 km, é composta por 588 municipalidades, distribuída em onze estados, abrigando cerca de 10 milhões de habitantes.





da crise sanitária pelo Presidente da República, em comparação com a Argentina que fechou o país em modelo de *lockdown*, em 20 de março, com respaldo do Presidente Alberto Fernández.

Por sua vez, o Brasil chegou a se tornar o epicentro da pandemia. Nas palavras de Eduardo Viveiros de Castro (2020): “o que está acontecendo no Brasil é um genocídio: um genocídio por negligência ou incompetência no caso de alguns dirigentes, mas um genocídio absolutamente deliberado no caso de outros, entre os quais incluo o presidente, vários de seus ministros e certos setores do grande empresariado agroindustrial” (p. 06). A iniciativa para as medidas recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), como as políticas do *lockdown*, partiu dos prefeitos e governadores dos Estados, sem apoio e, muitas vezes, contrariando o governo federal.

As medidas de controle de fronteira foram redobradas, com envio, inclusive, de militares nas fronteiras com Uruguai, Paraguai e Colômbia. Devido a crise sanitária se articulavam na busca para a cooperação diplomática para a contenção da pandemia. Cada país, a partir de sua postura e de seu entendimento quanto à saúde pública e a economia, determinou o controle de suas fronteiras, sendo alguns com maior nível de rigidez, como foi o caso da Argentina que redefiniu as relações do seu espaço.

Vejamos um fragmento das manchetes que circularam nas mídias com relação ao Paraguai: “Na cidade Paraguaia de Juan Pedro Caballero, também fronteira seca com a brasileira Ponta Porã, os militares paraguaios cavaram uma vala de 250 metros para evitar que as pessoas atravessassem ilegalmente a pé já que não há divisões entre um país e outro”.⁵ O Paraguai, assim como os outros países do Mercosul adotou medidas rígidas de controle, conforme manchete citada da cidade de Juan Pedro Caballero. Nesse país, protestos foram realizados contra a fiscalização rigorosa do fechamento da Ponte Internacional da Amizade, mas, ainda assim, instituiu-se quarentena de 14 dias para os paraguaios que retornavam do Brasil.⁶

A Ponte Internacional da Amizade que une o Brasil ao Paraguai permaneceu de março a outubro, bloqueada e, pela primeira vez, desde sua inauguração em 1965, manteve presos os paraguaios que retornavam do Brasil, sem que pudessem retornar ao país de origem. Milena Costa Mascarenhas e Samuel Klauck (2021), em artigo sobre esse impacto, utilizaram expressões de “refugiados sanitários” em um “limbo fronteiriço” para esses moradores fronteiriços, pois, de acordo com as autoridades paraguaias, o Brasil representava um perigo na propagação do vírus. A Ponte Barão de Mauá que liga o Brasil com Uruguai também foi bloqueada.

Do relatado, podemos observar como as fronteiras foram consideradas áreas estratégicas na barreira de circulação de pessoas durante o auge da pandemia, acompanhadas de ações militares que se tornaram

⁵ Disponível em < <https://www.cartacapital.com.br/mundo/uruguai-blinda-a-fronteira-com-o-brasil-para-evitar-propagacao-do-coronavirus/>>. Acesso em 5 de fev. 2022.

⁶ “A fronteira do Brasil com o Paraguai tem uma particularidade interessante: une o Arco Central ao Arco Sul. Os Estados do Mato Grosso do Sul e do Paraná e são partes do território brasileiro que fazem a divisa com os departamentos paraguaios do Alto Paraguai, Concepción, Amambay, Canideyú e Alto Paraná. Sobre essa aproximação territorial está uma série de cidades na condição de conurbação, de diferentes tamanhos e estilos, com divisões ‘secas e molhadas’, iniciando com Porto Murtinho\Carmelo Peralta, passando por Bela Vista\Bella Vista Norte, Ponta Porã\ Pedro Juan Caballero, Coronel Sapucaia\Capitã Bado, Paranhos\Ype Yu, Sete Quedas\Pindoty Porã, Mundo Novo\Guaíra\ Salto Del Guairá e finalizando com a grande conurbação de Foz do Iguaçu\Puerto Iguazu\Ciudad del Este\Hernandarias” [grifo dos autores] (OLIVEIRA et al., 2017, p. 174-175).





parte do cotidiano, com a intensificação dos instrumentos reguladores. Contudo, a Comissão Nacional para América Latina (CEPAL) defendia a abertura das fronteiras para intercâmbio comercial de medicamentos, de equipamentos médicos e de alimentos.⁷

Bill Ching Han (2020) chama atenção para a problemática das fronteiras ao refletir acerca do enfrentamento da pandemia de forma comparada entre os países asiáticos que, segundo ele, baseado na cultura e na forte inserção de controle digital⁸, no uso de dados e de máscaras como medidas protetivas, lidaram melhor com a pandemia do que o Ocidente. Em sua opinião,

Os fechamentos das fronteiras são evidentemente uma expressão desesperada de soberania. Nos nós sentimos de volta à época da 'soberania. O soberano é quem decide sobre o estado de exceção. É o soberano que fecha as fronteiras. Mas isso é uma vã tentativa de soberania que não serve para nada. Seria muito mais útil cooperar intensamente dentro do Eurozona do que fechar as fronteiras alucinadamente. Ao mesmo tempo a Europa também decretou a proibição de entrada de estrangeiros: Um ato totalmente absurdo levando em consideração o fato de que a Europa e o local que ninguém quer ir. No máximo seria mais sensato decretar a proibição de saída de europeus, para proteger o mundo da Europa. Depois de tudo, a Europa é nesse momento o epicentro da pandemia (HAN, 2020, p. 03).

48

Naquele momento, em que de acordo com narrativa de Han o epicentro da crise era a Europa que também foi atingida com um elevado número de mortes, respondendo com dificuldades às exigências advindas da pandemia com rígido controle das fronteiras e dos recursos necessários para responder a grave crise sanitária, Morin como Han faziam essa denúncia “num acesso de febre soberanista, cada Estado se retraiu e fechou as fronteiras” (MORIN, 2020, p. 40).

Para Angela Merkel, então Chancelar da Alemanha em rede de televisão no dia 18 de março de 2020 compara o desafio para o enfrentamento do coronavírus com Segunda Guerra Mundial: “A situação é séria. Leve isso a sério. Desde a reunificação alemã, não, desde a Segunda Guerra Mundial, nosso país enfrentou um desafio que depende tanto de nossa solidariedade coletiva”⁹. Emmanuel Macron, Presidente da França, referia-se ao contexto histórico-social como “estamos em guerra”.

Pensando nessa relação proposta por Macron ao se referir à guerra, podemos escrever que reverbera aí uma experiência histórica, é uma memória que marca profundamente a história de suas nações. O século

⁷ Ver matéria: “Cepal defende abertura das fronteiras comerciais na América Latina para combate à covid-19”. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/04/03/cepal-defende-abertura-de-fronteiras-comerciais-na-al-para-combate-a-covid-19>>. Acesso em 05 fev. 2022.

⁸ De acordo com Zibechi (2020), “A China exerce um sofisticado controle da população, desde a videovigilância, com 400 milhões de câmeras nas ruas, até o sistema de pontos de crédito social que regula o comportamento dos cidadãos. Agora, o controle se multiplica, incluindo a vigilância territorial com brigadas de moradores voluntários em cada bairro (p. 32)”.

⁹ Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-002/angela-merkel-coronav%C3%ADrus-%C3%A9-o-maior-desafio-desde-a-ii-guerra-mundial/a-52829950>>. Acesso em 05 fev. 2022.





XX para Eric Hobsbawm (2007) é considerado o mais mortífero de toda a história documentada, “é um século violento marcado pelas experiências das guerras, catástrofes humanas, fomes e genocídios” (p. 22-23). No livro *Globalização, democracia e terrorismo*, o autor o descreve como sendo: “a era mais extraordinária da história humana, combinando catástrofes humanas de dimensões inéditas, conquistas materiais substanciais e um aumento sem precedente de nossa capacidade de transformar e talvez destruir o planeta – e até penetrar no espaço exterior” (HOBBSAWM, 2002, p. 09).

Já o século XXI, revela-se violento com um cenário de crises de impacto na vida dos indivíduos e do planeta. Segundo suas reflexões: “a perspectiva de um século de paz é remota” (HOBBSAWM, 2007, p. 35). A referência à guerra e à Grande Recessão da década de 1930 são utilizadas para buscar explicação do forte impacto mundial da pandemia da Covid-19, em que a guerra é reverberada nos discursos das lideranças dos mais variados países, como, por exemplo, Macron e Merkel.

A metáfora da guerra passa a ser referência para explicar o cataclismo mundial em que “o Estado é obrigado, por vezes transgredindo a rotina normal de sua natureza de classe, a empreender práticas mais autoritárias e, ao mesmo tempo, mais genericamente dirigidas, a fim de evitar uma catástrofe estratégica” (BADIOU, 2020, p. 39).

Outro exemplo vem do filósofo italiano Giorgio Agambem (2020), ao comparar o contexto da pandemia ao estado de exceção “que se refere à situação em que, para conter um conflito ou uma ameaça, o governo usa de sua soberania para cassar ou suspender direitos e estabelecer um estado de guerra” (p. 01). O autor com sua proposição levantou polêmicas ao se referir as medidas de contenção tomadas pelo governo italiano como “frenéticas, irracionais e totalmente imotivadas” (FRATESCHI, 2020, p.01)

Interessante a observação de Raul Zibechi (2020) ao escrever sobre a militarização da crise, chamando a atenção não para a saúde, mas, para o “manejo dessa epidemia para os movimentos antissistêmico” (p. 32). Nas suas palavras:

[...] sendo a China o futuro da hegemonia global, as práticas do Estado em relação à população revelam o tipo de sociedade que as elites desejam construir e propor ao mundo. As formas de controle que a China exerce são extremamente úteis às classes dominantes de todo o planeta, para manter os de baixo na linha, em períodos de profundas convulsões econômicas, sociais, políticas de crise terminal do capitalismo (ZIBECHI, 2020, p. 33).

O controle da população evidencia uma característica da noção de geopolítica que tem ênfase no território e nas relações de poder entre os Estados (vias militares ou diplomáticas), no entanto, o controle por parte dos Estados para além do controle disciplinar, traz um componente da biopolítica que segundo Han (2018), é um controle por meio da tecnologia. Para Achille Mbembe (2018), “a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (p. 05), e, em cenário de guerra, de crise, a violência e o racismo, dentre outras questões, podem se fortalecer.





O uso da militarização da crise para o controle dos espaços passou a fazer parte do cotidiano em nível mundial. A questão da soberania utilizada pelos Estados no controle dos territórios e dos indivíduos é um alerta para a crise que se intensifica com medidas de contenção, sendo as fronteiras a representação desse controle no plano jurídico e, no plano simbólico, surge como um perigo ao ressurgimento de isolamento e de tensões geopolíticas, revelando a complexidade do cenário internacional.

Slavoj Žižek (2020) ao refletir sobre a pandemia em um artigo que tem um título muito instigante, Um golpe como o de 'Kill Bill' no capitalismo, afirma que "a necessidade de quarentena, que é medicamente bem fundamentada, encontrou eco na pressão ideológica para estabelecer fronteiras definidas e para colocar em quarentena os inimigos que representam uma ameaça à identidade" (p. 43).

Boaventura de Souza Santos (2019) ao questionar as fronteiras, ou um mundo sem fronteiras, afirma: "se vivemos em um mundo em que a internet e o capital financeiro governam nossas vidas então vivemos em um mundo sem fronteiras" (p. 01). E destaca também o que chama de "dramático impacto das fronteiras" (BOAVENTURA, 2019, p. 01) ao mencionar os muros entre os Estados Unidos e México, Israel e Palestina, Hungria e Sérvia, Crimeia e Ucrânia, Marrocos e Melina.

Octavio Ianni (1988) enfatiza que "o tema fronteira está na história e no pensamento latino-americano. Nem sempre na mesma linguagem, fórmula, cor, som, imagem. Mas, é um elemento permanente, uma espécie de obsessão enlouquecida, iluminada" (p. 25). No Brasil, o debate de fronteira no século XIX estava atrelado à questão de conflitos e limites; já no século XX, a partir da década de 1950, a atuação da Escola Superior de Guerra e a obra de Golbery de Couto Silva, a Geopolítica do Brasil (de 1958, reeditada em 1967), influenciaram os debates das fronteiras, sendo um exemplo emblemático resultante dessa atenção, o papel do Itamaraty na construção da hidrelétrica de Itaipu.

Na década de 1990, as novas orientações da política e da economia mundial, com destaque para a constituição do Mercado Comum do Sul (Mercosul) no ano de 1991, provocaram o "deslocamento da fronteira, da periferia para o centro do processo de integração sul-americana" (PUCCI, 2010, p.60). Na América do Sul, as fronteiras têm papel fundamental nos processos de integração para além dos marcos legais e jurídicos dos Estados, pois, são entendidas como um local de constantes trocas e interações.

As fronteiras, utilizando-nos de uma expressão dos uruguaios, "localizadas no interior profundo", foram alvo das políticas dos governos em que os Estados, fazendo uso de sua autoridade, de seu poder soberano no controle do território, optaram pelo fechamento e pelo controle com aparato militar, e, ao tomarem essa decisão de isolamento, reverberaram uma ação praticada em tempos de guerra. Desde a Paz de Westphalia, é reconhecida a autonomia política dos Estados no uso da soberania na gestão dos territórios, porém, essa atitude é questionada na pandemia por vários estudiosos, como Bill Ching Han e Edgar Morin.





2. Os limites da globalização e a geopolítica

O ex-presidente do Uruguai, José Mujica, afirmou em entrevista certa “falta de visão geopolítica dos líderes para lidarem com a crise. Ainda que não se possa fazer futurologia, mas vejo muitos perigos pela frente. (A pandemia do coronavírus) nos pode trazer uma epidemia do nacionalismo” [grifo nosso]. Com respeito, o nacionalismo hoje é uma das principais bandeiras dos populistas de direita e representam um perigo para a democracia, com suas tendências racistas, xenófobas, tão bem resumidas pelo historiador Emílio Gentile (2019). Inclusive, o autor sublinha o perigo da democracia “se tornar uma forma de repressão com o consentimento popular” (p. 06).

Em entrevista, Boaventura (2022) ao analisar as eleições de Portugal, realizadas em fevereiro de 2022, traz a seguinte reflexão: “partidos de esquerda em PS perderam-se ao apostar, em meio à pandemia numa ruptura que soou temerária aos eleitores. Ultradireita cresceu ao mobilizar desespero e ressentimento” (p.1). É um tempo de incertezas acentuadas pelas crises que podem refletir, a nosso entender, em um cenário de retrocesso e em expressivo aumento de violências e ressentimentos.

Caberia ainda mencionarmos as reflexões de Arjun Appadurai (2009) quando denuncia as violências provocadas pelas incertezas da globalização, oriundas das transformações da economia mundial. Segundo ele,

[...] a ideia de um ethos nacional, longe de ser um desenvolvimento natural desse ou daquele solo, tem sido produzido e naturalizado a um grande custo, por meio da retórica da guerra e do sacrifício, de exaustivas regras de uniformização educacional e linguística e da subordinação de milhares de tradições locais e regionais (APPADARAI, 2009, p. 14).

Esse ressentimento, na sua opinião, produziu atos violentos em larga escala, limpeza étnicas e contra a população de civis, reconhecendo que “a globalização podia revelar patologias graves nas ideologias sagradas do nacionalismo” (APPADARAI, 2009, p. 13). Ressentimento é também a palavra apontada por Boaventura (2022) para explicar o avanço da extrema direita em Portugal e o medo do retorno dessa violência. Hobsbawm (1995) aponta, por exemplo, o que aconteceu no passado, no auge da depressão, época que os movimentos nacionalistas reacionários foram fortalecidos: “o fascismo que a Depressão transformou num movimento mundial, e mais objetivamente, num perigo mundial” (HOBSBAWM, 1995, p. 112).

A crítica ao nacionalismo soma-se às políticas neoliberais que ecoaram em vários países atingidos pelo vírus, e os noticiários denunciavam: “coronavírus enterra o legado de Thatcher: privatização da saúde está sendo revertida (NISZ, 2020, p.1)”. Ao longo de décadas, as políticas neoliberais aprofundaram as desigualdades sociais enfraquecendo o papel do Estado e, agora, com a pandemia, as questões sociais





retornaram em áreas sacrificadas pelo neoliberalismo, como na saúde, “a ideia de investir em questões sociais praticamente se transformou no slogan do Partido Conservador Britânico (BADIE, 2020, p. 06)”.

Os Estados Unidos, sede dos economistas da escola de Chicago, atingiu elevado número de vítimas que chocou o mundo, e “o surto expôs instantaneamente a divisão de classes na saúde americana” (DAVIS, 2020, p. 09). Os países, então, se viram com dificuldades de fornecer itens básicos para a sua população na contenção da crise, como máscaras e outros equipamentos, sendo uma das consequências da pandemia essa desigualdade assustadora.

David Harvey (2020), ao comentar as políticas anticapitalistas em tempos de covid-19 sobre os efeitos da crise escreve: “Foi o surto italiano que provocou a primeira reação violenta. O crash da bolsa de valores que começou em meados de fevereiro oscilou um pouco, mas em meados de março levou a uma desvalorização líquida de quase 30% nas bolsas de valores do mundo” (p. 17). Importante lembrar que, nas crises globais de 1929 e de 2008, os mercados de ações caíram e, de acordo com o autor, a China teve papel fundamental para o capitalismo em 2008.

Em 2020, o impacto da Covid-19 atingiu de forma violenta a população e os países afetados foram obrigados a garantir um auxílio emergencial (financeiro) devido ao isolamento proposto para o controle da transmissão viral. Dessa maneira, políticas sanitárias, fiscal e financeira foram adotadas pelos Estados. O economista Bresser-Pereira (2021), ao comparar o desempenho na execução dessas políticas entre Brasil, Argentina e França, concluiu que apesar de o Brasil ter gastado mais do que os outros países, por causa do auxílio emergencial liberado pelo Congresso, foi o país que obteve pior desempenho porque seu governo praticou “uma antipolítica do que uma política de combate ao vírus” (p. 15).

Žižek (2020) contribui nesse debate ao mencionar que a epidemia do Coronavírus não sinaliza apenas o limite da globalização do mercado, mas, também, o limite ainda mais fatal do populismo nacionalista, que insiste na soberania do Estado. O autor, na sua posição, defende a solidariedade global e a cooperação internacional. Aqui, é importante destacar que a cooperação internacional se revelou fundamental para o compartilhamento das pesquisas na produção e na distribuição de vacinas, máscara e equipamentos médicos.

Nesse contexto em que nos situamos, palavras como globalização, fronteiras, nacionalismo, soberania, são reconhecidas nos discursos de políticos, intelectuais, jornalistas, médicos etc., como registro de uma época que traz modificações e que reverbera outras memórias de crise mundial apontando para o perigo do retorno do nacionalismo, que, no passado, produziu movimentos nos quais surgiram regimes autoritários que marcaram a história do século XX de forma violenta, como nazismo, fascismo.

No alerta de Mujica, o perigo da pandemia da Covid-19 está em trazer uma epidemia do nacionalismo. E o fechamento das fronteiras, a nosso entender, representou um sinal significativo da gravidade histórica do contexto desta pandemia em que, novamente, a questão entra na pauta dos debates globais em termos de geopolítica que tem como foco a relação entre os Estados Unidos, a Rússia, a China e a fronteira da Ucrânia.

Hobsbawm (1995) nos seus estudos sobre a Guerra Fria ensina que as fronteiras sempre foram respeitadas pelas duas potências emergentes no final da Segunda Guerra Mundial. Estados Unidos e Rússia tiveram receio de um confronto nuclear, e, a partir das profundas transformações ocorridas no mundo com





a queda do muro de Berlim, em 1989, com o fim da União Soviética e o anúncio do que seria o fim da “Guerra Fria”, a situação alterou-se e tornou-se ainda mais preocupante, com o mundo globalizado.

Para esse autor, o final da década de 1980 e o início da década de 1990, representam “uma era [que] se encerrou e outra nova [que] começou” [acréscimo nosso] Appadurai (2009), por sua vez, chama atenção para um aspecto importante dos anos 90, principalmente devido a abertura e o poder dos mercados. Segundo ele, esse período “produziu uma crise, em muitos países, ligada ao sentimento das fronteiras nacionais, soberania nacional e pureza do ethos nacional” (APPADURAI, 2009, p. 55).

Segundo Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2011), o fim da divisão bipartida da Guerra Fria “deveria ter inaugurado um tempo de harmonia, de prosperidade e paz. Em vez disso, foi um universo de guerra, de riscos e de insegurança que se apoderou do planeta” (p.19). E essas crises oriundas no final do século XX¹⁰ e início do XXI, somam-se à pandemia do Coronavírus.

Em destaque, o confronto geopolítico entre Estados Unidos e China é um dos pontos altos na/da pandemia. As medidas anunciadas na época do então presidente Donald Trump para “penalizar as exportações chinesas” e a insistência de nomear a covid-19 como “vírus chinês”, fortaleceram a politização do vírus como um nítido reforço do nacionalismo e da xenofobia. Na sequência, o presidente atual Joe Biden intensifica o cenário de tensão com a Rússia, pela questão da fronteira com a Ucrânia.

Em consequência da pressão dos Estados Unidos, a China e a Rússia assinaram em conjunto um documento “histórico” unindo-se contra a expansão da Organização do Atlântico Norte (OTAN), criticando os Estados Unidos e a politização do vírus.¹¹ Também, chamaram atenção para a segurança internacional e os perigos para a governança global, destacando seu papel democrático e questionando o significado do conceito. Ainda, sublinharam que os discursos da Guerra Fria pertencem ao passado sendo importante no momento a manutenção da paz, o desenvolvimento e a cooperação.

Para o professor da Escola Superior de Guerra, Ronaldo Carmona (2022), essa declaração representa uma “coesão temporária que pode reconfigurar o equilíbrio de poder global com um desafio à hegemonia americana” (p. 2). Ele afirma que “hoje o mundo não vive o ambiente da Guerra Fria¹², mas, de polarização entre o que se expressa na OTAN e na Eurásia. Cada novo desenvolvimento e disputa trazem preocupações para o projeto americano de reafirmação da sua liderança no mundo” (p. 05).

Assim, as fronteiras entram nas pautas dos cientistas políticos, dos historiadores, dos geógrafos, dos militares e dos políticos, com ênfase na geopolítica do poder entre as potências. Um exemplo que pode ser dado, como já salientado anteriormente, é a escrita do referido documento histórico entre China e Rússia, que reverbera o medo de um conflito, um medo proveniente de um século de guerras, de destruição, de uso

¹⁰ Crises mexicanas de 1982 e de 1995, crise asiática de 1997, crises da Rússia e do Brasil em 1998 e 1999, crise da Argentina em 2001 e da Turquia em 2002, crise dos subprimes nos Estados Unidos em 2008 (Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, 2011, p. 20).

¹¹ Disponível em: <<https://www.brasil247.com/mundo/em-declaracao-conjunta-china-e-russia-anunciam-nova-ordem-internacional-e-a-chegada-do-mundo-multipolar>>. Acesso em 05 de fev. de 2022.

¹² Citando Hobsbawm (1995), “a guerra fria acabou quando uma ou ambas superpotências reconheceram o sinistro absurdo da guerra nuclear, e quando uma acreditou na sinceridade e no desejo da outra de acabar com ameaça nuclear, e quando uma acreditou na sinceridade do desejo da outra de acabar com a ameaça nuclear” (p. 246). A Guerra Fria terminou nas duas conferências de cúpula de Reykjavik (1986) e Washington (1987).





de bombas e de corrida armamentista, o que torna imprescindível a diplomacia, o diálogo, a confiança, a solidariedade. Hobsbawm (1995), nesse caso, refere-se à falha das diplomacias no século XX que não conseguiram evitar os conflitos mundiais.

Do exposto, o que fica evidenciado frente a essas crises e conflitos é que o mundo pós-pandemia terá que priorizar o diálogo, a diplomacia, e a cooperação na promoção da paz e de um desenvolvimento sustentável. Ao mesmo tempo os condutores da política de cada país terão que rever formas de gestar a economia e o consumo, na condução de suas políticas.

Destacamos que na pandemia as desigualdades aumentaram e ficou exposta a violência, principalmente, com a população pobre e negra, que tem sido assustadora. Um exemplo é o caso emblemático nos Estados Unidos de George Floyd¹³ que mostrou que as fronteiras não se dão apenas entre os Estados, mas, também, entre os corpos. E os corpos ficaram ainda mais vulneráveis frente ao que Mbembe (2018) denuncia na obra *Necropolítica* ao questionar os limites da soberania dos Estados de controle com espaços e corpos.

Considerações finais

54

Žižek (2020) defende a proposta de uma “solidariedade incondicional” (p. 21). Para esse autor, a crise revela que “solidariedade e cooperação” (p. 59) são imprescindíveis à sobrevivência, reafirmando sua importância diante das escolhas que terão que ser feitas na situação política que marca esse período da história.

O momento histórico é de tensão, esta produzida pelas crises devido a um período de alerta que rememora tempos sombrios de guerras, bomba atômica, destruição, acentuando-se pelo conflito bélico entre países com capacidade de armas nucleares. Noam Chomsky (2020) destaca três ameaças à existência humana: “a ameaça da guerra nuclear, a ameaça do aquecimento global e a deterioração da democracia” (p. 10).

Por fim, com base no proposto neste texto, podemos escrever que a resiliência pode ser a palavra pós-pandemia, na medida em que seu significado nos remete à “propensão de ver sentido em tempos terríveis” (COUTU, 2020, p. 22). Resiliência e resistência são palavras que serão necessárias na busca de alternativas de futuro em um mundo em crise.

¹³ Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-06-02/milhares-de-manifestantes-desafiam-toque-de-recolher-nos-estados-unidos.html>>. Acesso em 30 de abr. 2022.





REFERÊNCIAS

AGABEM, Giorgio. A invenção de uma pandemia. 26 de fev., 2020. Disponível em <<https://www.cidadefutura.com.br/wp-content/uploads/A-inven%C3%A7%C3%A3o-de-uma-epidemia-Giorgio-Agamben.pdf>>. Acesso em 06 de fev. 2022.

APPADURAI, Arjun. O medo do pequeno número: ensaio sobre a geografia da raiva. São Paulo: Iluminares: Itaú Cultural, 2009.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Brasil: Impacto da Covid-19 e recuperação. Revista de Economia, v.42. n. 77, 2021. p. 01-16.

BADIE, Bertrand. Os profetas do neoliberalismo viraram promotores da economia social. É preciso voltar aos imperativos sociais. El país, Brasil, 06 de abril de 2020. Entrevista concedida a Carla Mascia. Disponível em:<<https://brasil.elpais.com/ideas/2020-04-06/bertrand-badie-cientista-politico-a-acao-da-oms-se-reduz-a-ler-um-comunicado-todas-as-noites.html>>. Acesso em 05 de fev. 2022.

BADIOU, Alain. Sobre a situação epidêmica. In: DAVIS, Mike. Coronavírus e a luta de classes. Terra sem Amos: Brasil, 2020. **55**

CASTRO, Eduardo Viveiros. O que está acontecendo no Brasil é um genocídio. São Paulo: n. 1 edições (070). Disponível em: <<https://www.n-1edicoes.org/textos/104>>. Acesso em 06 de fev. de 2022.

CHOMSKY, Noam. Internacionalismo ou Extinção. São Paulo: Planeta, 2020.

COUTU, Diane [et al]. Resiliência. Tradução de Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

DAVIS, Mike. A crise do Coronavírus é um monstro alimentado pelo capitalismo. In: DAVIS, Mike. Coronavírus e a luta de classes. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

CARMONA, Ronaldo. Coesão entre China e Rússia pode mudar a situação dos países com EUA, afirma o professor de Geopolítica. Globo, 06-02-2022. Entrevista concedida a André Duchiade. Disponível: <<https://oglobo.globo.com/mundo/coesao-entre-china-russia-pode-mudar-situacao-da-disputa-dos-paises-com-eua-afirma-professor-de-geopolitica-1-25381305>>. Acesso em 06 de fev. 2022.

FEDATTO, Maíra. Soberania e o Combate às epidemias globais. Cadernos Adenauer XXI, n. 3. Soberania na atualidade. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, outubro de 2020.

GENTILE, Emilio. 100 anos de fascismo: O perigo atual é que a democracia vira repressão com o apoio popular. Depoimento. BBC News Mundo, 24 de março de 2019. Entrevista concedida à Angelo Altanasio. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47686939>>. Acesso em 06 de fev. 2022.

HAN, Byng- Chul. O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã, segundo o filósofo Byng- Chul Han. Ideias, El País Brasil, 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofista-byung-chul-han.html>>. Acesso em 05 de fev. 2022.





HARVEY, David. Política anticapitalista em tempos de COVID-19. In: DAVIS, Mike. Coronavírus e a luta de classes. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

HOBASBAWM, Eric. Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade. 8 ed. Tradução de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HOBASBAWM, Eric. A era dos extremos – o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBASBAWM, Eric. Globalização, democracia e terrorismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

IANNI, Octavio. A questão nacional na América Latina. Estudos Avançados 2, (1), 1988.

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. A cultura mundo: resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Traduzido por Renata Santini. São Paulo: n.1, 2018.

MASCARENHAS, Milena Costa; KLAUCH, Samuel. COVID 19 e o fechamento da Ponte Internacional da Amizade. In: RIBEIRO, Maria de Fátima Bento; MELO Alan Dutra de. RELAcult. Dossiê: Patrimônio Cultural e Memória nas Fronteiras. v.06, n.03, 2020.

MORIN, Edgar. É hora de mudarmos de via: lições do coronavírus. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

MUJICA, Pepe. As previsões de Mujica sobre a pandemia: “não sei se chegamos aos limites do homem”. Canal Filo News. Entrevista concedida a Julio Leiva. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/as-previsoes-de-mujica-sobre-a-pandemia-nao-sei-se-chegamos-aos-limites-do-homem/>>. Acesso em 14 de mar. 2022.

NISZ, Charles. Coronavírus enterra na Inglaterra legado da era Thatcher: privatização da saúde está sendo revertida. DCM, 21 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/coronavirus-enterra-na-inglaterra-legado-da-era-tatcher-privatizacao-da-saude-esta-sendo-revertida-por-charles-nisz/>>. Acesso em 06 de fevereiro de 2022.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado et.al. Contribuição ao estudo da dimensão da oferta de serviços públicos na região de fronteira do Brasil com outros membros do Mercosul. In: PENHA, Bruna; DESIDERÁ NETO, Walter Antonio; MORAES, Fracalossi de. Mercosul e as regiões de fronteira. Rio de Janeiro: IPEA, 2017.

PUCCI, Adriana Silva. O Estatuto da fronteira Brasil-Uruguaí. Brasília: FUNAG, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. Boaventura: um mundo sem fronteira. Outras palavras, 09 de maio, 2019. Disponível:<<https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/boaventura-um-mundo-sem-fronteiras/>>. Acesso em 06 de fev. 2022.

SANTOS, Boaventura de Souza. Boaventura: Três lições portuguesas. Outras palavras, 08 de fevereiro, 2022. Disponível:<<https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/boaventura-tres-lico-es-portuguesas/>>. Acesso em 14 de mar. 2022.





ZIBECHI, Raúl. Coronavírus: a militarização das crises. In: DAVIS, Mike. Coronavírus e a luta de classes. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

ŽIŽEK, Slavoj. Um golpe como “Kill Bill” no capitalismo. In: DAVIS, Mike. Coronavírus e a luta de classes. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

ŽIŽEK, Slavoj. Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo. São Paulo: Boitempo, 2020.

